

## Reforma da Previdência e as materialidades discursivas nas *fanpages* do Movimento Brasil Livre e Pajeú

### *Social welfare reform and discursive material in fanpages of the Movimento Brasil Livre and Pajeú*

George Seawright Salgado NETO<sup>1</sup>  
Dilson Carneiro de OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Luiza Elayne Correa AZEVEDO<sup>3</sup>

#### Resumo

O artigo desenvolve por meio de um estudo de caso múltiplo, uma análise sobre duas publicações na rede social Facebook. As postagens constam nas *fanpages* do Movimento Brasil Livre (MBL)<sup>4</sup> e Pageú<sup>5</sup>, retratando sobre a reforma da previdência. O objetivo deste estudo é refletir por meio da análise do discurso, as relações de ideologia e poder que se encontram na materialidade discursiva acerca das publicações. O trabalho baseia-se em análise nas postagens citadas, além de levantamento bibliográfico sobre o tema proposto. Seu conteúdo aborda teorias que permitem explicar um possível conceito de cibercultura e da relação entre discurso e poder.

**Palavras-chave:** Análise do discurso. Cibercultura. Movimento Brasil Livre. Pajeú. Reforma da previdência.

#### Abstract

The article develops through a multiple case study, an analysis of two publications in the social network Facebook. The posts appear in the fanpages of Movimento Brasil Livre (MBL) and Pageú, portraying about the social welfare reform. The purpose of this

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais pela Universidade da Amazônia. Pesquisador do grupo de Pesquisa Capital Social e Cultural no Contexto Midiático Contemporâneo - UNAMA. E-mail: 10gehneto@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia. Pesquisador do grupo de Pesquisa Capital Social e Cultural no Contexto Midiático Contemporâneo - UNAMA. E-mail: dilsonco@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia. Sub-líder do Grupo de Pesquisa Capital Social e Cultural no Contexto Midiático Contemporâneo - UNAMA. E-mail: azevedoluindia@gmail.com

<sup>4</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/mblivre/videos/537958076328340/>>. Acesso em 20 de junho de 2017.

<sup>5</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/pajeuresistenciabana/posts/1349025585175971>>. Acesso em 20 de junho de 2017.

study is to reflect, through discourse analysis, the relations of ideology and power found in the discursive materiality about publications. The work is based on analysis in the mentioned posts, besides a bibliographical survey about the proposed theme. Its content approaches theories that allow explaining a possible concept of cyberculture and the relation between discourse and power.

**Keywords:** Cyberculture. Discourse analysis. Movimento Brasil Livre. Pajeú. Social welfare reform.

## Introdução

O artigo tem como objetivo refletir, por meio da análise do discurso, as materialidades discursivas publicadas na rede social Facebook através das *fanpages* do Movimento Brasil Livre (MBL) e Pajeú. Considera-se neste estudo que estes movimentos possuem posições antagônicas sobre diversas temáticas que permeiam os assuntos abordados no Brasil em 2017. No entanto, ambos movimentos possuem uma inclinação para a área da política, da economia e das formas de gestão de governo.

Por meio da análise do discurso, o tema será exposto com o intuito de discutir acerca da ideologia contida no discurso, que por si, irão gerar formas de poder e de dominação em um espaço demarcado. A rede social Facebook caracteriza-se justamente como um dos palcos de embate entre os grupos que se diferenciam nesse período. A divulgação de postagens e a difusão de ideias que conflitam de forma extrema abrem possibilidades de polarizações políticas e de preconceitos por ambas as partes.

Este trabalho caracteriza-se como um estudo de caso múltiplo ao envolver duas postagens de movimentos distintos sobre um mesmo tema. A pesquisa conta com um referencial teórico sobre cibercultura, poder, ideologia e discurso, além de pesquisas de mídia como a consulta de postagens nas *fanpages* do MBL e Pajeú no Facebook, com o intuito de refletir sobre as relações de poder contidas nos discursos presentes em ambas as páginas. As publicações escolhidas possibilitam uma análise discursiva sobre a Reforma da Previdência.

O tema foi escolhido por meio de uma inquietação acerca das grandes modificações ocorridas no âmbito da política do Brasil. Investigações anticorrupção, o

comportamento dos poderes governamentais, as modificações na estrutura da gestão do país, são relevantes para um forte contraste de ideias e de comportamentos. Percebe-se que esses eventos citados estão gerando grandes conflitos nas ruas e no ciberespaço. Neste momento, surge a problemática para reflexão sobre o tema abordado: como se dá a relação de poder e ideologia nas materialidades discursivas encontradas na distinção exposta entre as matérias publicadas nas *fanpages* do MBL e Pajeú na rede social Facebook?

Entender a interação entre os indivíduos dentro das redes sociais, é fundamental para compreender essa nova organização da sociedade, com seus novos paradigmas, conceitos, preconceitos e suas “verdades” impostas pela tecnologia e pelo modo acelerado da vida na atualidade. Portanto, o presente estudo considera como aporte teórico um breve contexto sobre cibercultura, com base nas contribuições de Trivinho (2007) e Lévy (2010), para posteriormente adentrar na análise do discurso com as contribuições teóricas de Althusser (1980), Ricoeur (1988), Brandão (2004), Marx e Engels (2008), Orlandi (2009) e Foucault (2012).

Deste modo, o artigo está dividido nas seguintes categorias de discussão: 1. Discursos, ideologia, poder e cibercultura; 2. Contextualização e Análise, encerrando com as considerações finais pertinentes.

## **Discursos, ideologia, poder e cibercultura**

Orlandi (2009) relata que podemos pensar o discurso por meio de construções de sentidos que são transmitidos de um interlocutor para um receptor. O discurso está no dito e não dito, ou seja, encontra-se em qualquer lugar em que seja possível a relação entre o homem, o pensamento, a linguagem e o mundo. Compreende-se, portanto, que a análise do discurso é um instrumento de interpretação que possibilita a relação do discurso com o contexto histórico em que está inserido.

Para a autora, o discurso pode apresentar-se de maneiras distintas conforme o seu propósito, sendo esta apresentação através de palavras, imagens, gestos e/ou expressões. As várias possibilidades discursivas são validadas pela simples capacidade

de interpretação dos signos linguísticos existentes entre um sujeito que transmite e outro que recebe tal informação ao mesmo tempo.

Esta relação irá se dar por meio de uma interpretação de “dentro” para “fora”, ou seja, do discurso para o sentido de si mesmo. A análise do discurso tem como método, a busca pelo sentido do texto, sendo este uma materialidade discursiva que pode ser entendido como uma das ferramentas que possibilita a análise do discurso. Essa análise não tem o texto como uma forma de explicação da realidade, ou aquilo que já está dado, mas o contrário. Segundo Orlandi (2009, p.18), a análise do discurso “produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade” e ainda complementa:

Não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeito e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação (ORLANDI, 2009, p. 21).

A transmissão da mensagem (informação) que se dá do emissor para o receptor, não pode ser pensada em uma ordem linear, onde o primeiro emite o discurso e o segundo recebe, mas em uma relação espontânea que ocorre a qualquer momento da interação, visto que o discurso só terá sentido a partir do momento em que ambos relacionarem a mensagem com aquilo que já tem construído na sua consciência, ou seja, na sua capacidade reflexiva. Para Orlandi (2009), “o trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana” (ORLANDI, 2009, p. 15).

Importante salientar que os sujeitos que produzem os discursos, estão envolvidos em determinado contexto histórico, com sua cultura, costumes, valores, tradições e outros elementos sociais que fazem parte da construção reflexiva do sujeito, formulando suas “verdades” e sua própria construção ideológica sobre determinado assunto.

O conceito de ideologia é diversificado pela literatura, no entanto, para a análise do discurso, é fundamental estabelecer a ideologia com o sujeito, visto que, o último, só

tem a capacidade de sujeito, por carregar consigo uma ideologia que foi dada a ele pela realidade em que se encontra.

Marx e Engels (2008) irão propor uma reflexão sobre o que é ideologia e como ela se constitui na construção imaginária do indivíduo. Partindo de uma perspectiva a partir das disposições de classes coais determinadas pela economia, os autores entendem a ideologia da seguinte forma:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade e, ao mesmo tempo, sua força espiritual. [...] Dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, [...] e, conseqüentemente, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores de ideias; que regulem a produção e distribuição de ideias de seu tempo e que suas ideias sejam, [...] as ideias dominantes da época (MARX & ENGELS, 2008, p. 14).

Além das disposições ideológicas partirem da materialidade dada nas relações de produção, para Marx e Engels (2008), estas, irão ter seus sentidos justamente da inversão da realidade, ou seja, o falseamento daquilo que está dado na sociedade. Esse mascaramento da realidade é uma capacidade do capitalismo de se adaptar em sua própria realidade, no intuito de “naturalizar” as relações do capital, fazendo com que não apareça como um sistema criado, fortificando assim, as ideias dominantes.

Já para Althusser (1980) a ideologia aparece institucionalizada pelo o que ele irá chamar de Aparelho Ideológico do Estado (AIE), ou seja, a religião, a escola, a política, os direitos, e outras instituições protegidas ou validadas pelo Estado. Estas instituições difundem um poder ideológico que tem como objetivo impor um padrão de comportamentos, de valores e de regras que a sociedade deve seguir. Para isso, além do AIE, existe também o Aparelho Repressivo do Estado (ARE), que se caracteriza pela presença da polícia e do exército, por exemplo. Estes, por sua vez, tem o poder de reprimir aqueles que divergem das ideologias difundidas pelo Estado.

Sobre Althusser, Brandão (2004, p.24) diz que “a ideologia é a maneira pela qual os homens vivem a sua relação com as condições reais de existência, e essa relação é necessariamente imaginária”, ressaltando que Althusser observa a ideologia como

uma condição da existência material do homem, e que depois se transforma nas construções imaginárias. Sobre a ideologia em Althusser, a autora comenta:

A existência da ideologia é, portanto, material, porque as relações vividas, nela representadas, envolvem a participação individual em determinadas práticas e rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos. [...] A ideologia se materializa nos atos concretos, assumindo com essa objetivação um caráter moldador das ações. Isso leva Althusser a concluir que a prática só existe numa ideologia e através de uma ideologia. (BRANDÃO, 2004, p. 25).

Para a autora, é interessante pensar na relação que Althusser faz sobre a necessidade do sujeito possuir uma determinada ideologia. Para ele, a ideologia é inerente ao sujeito, ou seja, este só se caracteriza como sujeito, quando “o reconhecimento se dá no momento em que o sujeito se insere, a si mesmo e a suas ações, em práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos [...] será somente através do sujeito e no sujeito que a existência da ideologia será possível”. (BRANDÃO, 2004, p. 26).

Já na concepção de Ricoeur (1988), a ideologia é entendida de uma forma no qual irá possibilitar uma abordagem mais ampla acerca do que vem a ser ideologia, já que esta se constitui em dois polos, um lado em que parte da perspectiva marxista, como já foi mostrado ao longo do artigo, ou seja, a ideologia como inversão da realidade; e um outro lado, que tem a ideologia como uma concepção de mundo, ou seja, como uma determinada comunidade constroem seu imaginário a partir da sua condição de vida. “E nesse sentido que Ricoeur diz ser a ideologia operatória e matemática, porque, “operando atrás de nós” e a partir dela que pensamos e agimos sem, muitas vezes, tematizá-la, traze-la ao nível da consciência”. (BRANDÃO, 2004, p. 31).

No entanto, segundo Brandão (2004), Ricoeur não diz em nem um momento que essa distinção entre esses dois conceitos de ideologia se anulam, mas acontece justamente o contrário, existe a possibilidade de ambas se encontrarem em determinados discursos. Como no discurso político e no discurso religioso, por exemplo. Discursos institucionalizados que muitas vezes produzem um determinado recorte histórico na intenção de esconder o verdadeiro sentido daquilo que se está querendo retratar.

Esse modo de ser do mundo, veiculado por esses discursos, e o recorte que uma determinada instituição ou classe social (dominante) num dado sistema (por exemplo, o capitalista) faz da realidade, retratando assim, ainda que de forma enviesada, uma visão de mundo. (BRANDÃO, 2004, p. 31 – 32).

Com relação ao discurso, a ideologia é uma característica encucada naturalmente no mesmo. Sabendo que o discurso está na forma de transmissão de símbolos por meio dos signos linguísticos, que tem sentidos diversos, podemos pensar que o discurso então, é um emaranhado de construções históricas do próprio sujeito.

A materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2009, p. 17).

A ideologia está inserida na construção do sujeito e do sentido. Estes não estão interligados com a desconstrução de um conceito determinado em sua aparência, mas o contrário, está na busca pelo entendimento do próprio sujeito e do próprio sentido, possibilitando uma interpretação, sendo assim, possível a comunicação entre os sujeitos.

O dizível só é possível por meio da condição histórico-social do sujeito, utilizando a linguagem como forma de expressão de sentido daquilo que o próprio sujeito compreende nas suas relações materiais, fazendo assim o processo de codificação do real com a consciência, para que deste modo, possa produzir um discurso. Assim, para que a ideologia faça sentido nessa perspectiva, deve-se pensar a partir da interpretação, regulada com as suas possibilidades e condições, de acordo com Orlandi (2009, p. 47 – 48):

A interpretação não é livre de determinações: não é qualquer uma e é desigualmente distribuída na formação social. Ela é garantida pela memória, sob dois aspectos: a. a memória institucionalizada (o arquivo), e o trabalho social de interpretação onde se separa quem tem e quem não tem direito a ela; b. a memória constitutiva (o interdiscurso), o trabalho histórico da constituição do sentido (o dizível, o interpretável, o saber discursivo).

Entendendo o sujeito como construção ideológica, podemos pensar como a ideia do poder aparece nessa perspectiva. Com base em Foucault (2012), o discurso é produzido por um sujeito, que por sua vez é a sua própria construção histórica, e esta, é constituída de verdades produzidas pelo conhecimento e o poder inserido na própria época. Esse conhecimento terá uma relação extrema com o discurso e com o poder.

O discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso, [...] que veicula saber (o saber institucional), é gerador de poder [...] a produção desse discurso gerador de poder é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos que tem por função eliminar toda e qualquer a permanência desse poder (BRANDÃO, 2004, p. 37).

Foucault (2012) irá pensar a distribuição do poder dado na sociedade com uma forma horizontal e multidirecional. Para ele, essa distribuição não será organizada por meio de uma classe dominante sob uma classe subordinada, ou seja, não será uma relação vertical, mas serão percebidos vários poderes que se relacionam nas interações sociais. Esses micro poderes serão distribuídos de várias formas, o discurso por sua vez, será uma dessas formas de poder de um sobre o outro, já que é por meio do discurso que os valores, as regras institucionais, as normas sociais e vários outros instrumentos ideológicos do grupo social serão materializados e serão enxergados pelos indivíduos.

Os discursos carregam consigo uma série de ideologias, como já foi mostrado até aqui, e essas ideologias tem consigo conceitos definidos sobre determinado assunto. Esses conceitos definem aquilo que é verdadeiro e falso, certo e errado, bom e ruim, entre outros contrapontos acerca de alguma coisa. Deste modo, possibilita na consciência do indivíduo uma crença naquilo que lhe foi conhecido ao longo da sua materialidade de existência. Podemos então, pensar o discurso na concepção foucaultiana como sendo um emaranhado de ideologias que surgem a partir das relações de poder tidas na sociedade. Relações estas que advém da autonomia de cada indivíduo com relação a sua construção memorial ao longo da sua vida.

O discurso é uma imposição na comunicação e essa imposição se dá a partir do domínio sobre determinado tema abordado por alguém. Podemos utilizar uma discussão



política, por exemplo, a discordância sobre uma forma de governo demonstra uma concepção “certa” e “errada” sobre o tema. Além disto, é possível refletir sobre o poder dentro do discurso, pelo simples fato de alguém delimitar uma coisa sobre alguma coisa, evidentemente, exclui-se aquilo que é diferente daquilo que se tem como verdadeiro. Foucault (2012, p. 220) esclarece que “um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso”.

Pensar toda essa relação estabelecida na comunicação e nas transmissões de saberes entre os indivíduos, é fundamental para compreendermos dentro da contemporaneidade, e mais especificamente no século XXI, as novas formas estabelecidas para a prática do discurso, que sofre grande transformação com o advento da tecnologia e principalmente da Internet. Esse meio se mostra como uma novidade que ocupa boa parte da vida das pessoas, muitas vezes tida como algo “natural” da existência humana.

Lévy (2010) propõe pensar a cibercultura de forma otimista, mas dentro daquilo que a realidade limita a cada tempo seu avanço. Ele observa que o entrelaço feito entre o homem e a cibercultura é inevitável nos dias atuais, já que existe dentro dessa nova tecnologia, possibilidades diversas que podem ser utilizadas pelos indivíduos. O otimismo do autor se estabelece em dois fatos: “em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. (p. 11) e depois o autor fala do segundo fator em “[...] que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação [...]”. (p. 11).

As novas formas de comunicação se estabelecem de forma facilitada pela tecnologia, as construções e desconstruções de amizade nas redes sociais, o “saber” expostos em publicações e comentários, o posicionamento sobre alguma coisa, as publicações em tempo real, tornam as relações sociais mais aproximadas e mais fluidas visto a capacidade acelerada de informações, com novidades de outrem a todo o momento, apenas com uma atualização de uma página em uma rede social, por exemplo.

A relação que Lévy (2010) mostra sobre técnica e o homem durante o seu texto, permite-nos refletir sobre o poder de dominação entre o criador e aquilo que foi criado. Sobre a técnica, o homem e a velocidade no ciberespaço, o autor ressalta que a mesma “explica parcialmente a sensação de impacto, de exterioridade, de estranheza que nos torna sempre que tentamos apreender o movimento contemporâneo das técnicas”. (LÉVY, 2010, p. 27 – 28). Isto possibilita uma análise sobre o modo de utilização do homem acerca da Internet, onde é nítida a modificação do comportamento e até mesmo do pensar do homem motivada pela cibercultura.

Santos (2001) também explana de forma interessante a relação da técnica que sofre modificações ao longo do tempo. Estas são criações humanas que surgem justamente com a intenção de facilitar a própria vida do homem. No entanto, ele irá explicar dentro da ideia de globalização, os avanços e as formas intelectuais e materiais que irão se impor pela tecnologia para o humano.

Trivinho (2007, p. 116) pensa na cibercultura de modo mais amplo, como algo que define a estrutura “material, simbólica e imaginária da vida humana correspondente à predominância mundial das tecnologias e redes digitais avançadas, na esfera do trabalho, do tempo livre e do lazer”. Para o autor, o conceito não pode ser reducionista ao ponto de imaginar-se apenas aparatos tecnológicos, sem considerar a sua amplitude com as comunidades virtuais, as tendências comportamentais, as questões de gênero, entre outros.

Deste modo, o autor ressalta que a cibercultura é o mundo em curso, em todos os setores, com seus arranjos estruturais e estruturante de um período que envolve a conjuntura tecnológica responsável pela eclosão do ciberespaço (TRIVINHO, 2007, p. 116). Portanto, é imprescindível entender as novas formas de interpretação que são oferecidas nas novas formas de relação social configuradas pela mídia digital e por novas técnicas que irão aparecer ao longo do tempo, numa adaptação do sistema ideológico e das condições materiais já dadas na sociedade.

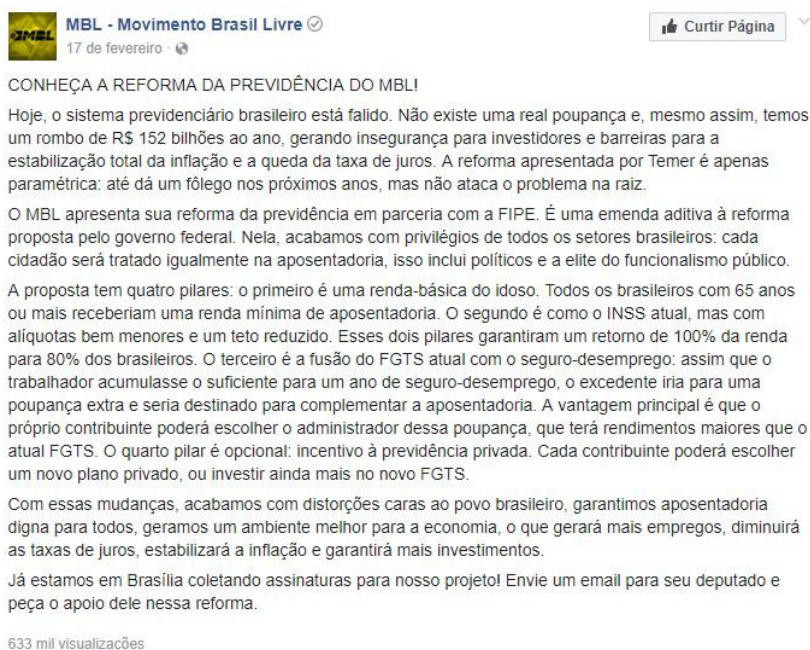
## Contextualização e análise

Esta pesquisa configura-se em um estudo de caso múltiplo, considerando para análise duas publicações na rede social Facebook. As postagens constam nas *fanpages* do Movimento Brasil Livre (figura 1 e 2) e Pageú (figura 3). Partindo de um julgamento prévio baseado nas postagens selecionadas, nota-se de forma clara as divergências com relação ao posicionamento acerca de assuntos que permeiam a política brasileira em 2017. Será analisado o posicionamento dos dois grupos acerca de uma das reformas promovidas pelo presidente Michel Temer (PMDB), a reforma da previdência.

**Figura 1** – Movimento Brasil Livre (vídeo)



Figura 2 – Movimento Brasil Livre (texto)



**MBL - Movimento Brasil Livre** 17 de fevereiro · 🌐

Curta Página

**CONHEÇA A REFORMA DA PREVIDÊNCIA DO MBL!**

Hoje, o sistema previdenciário brasileiro está falido. Não existe uma real poupança e, mesmo assim, temos um rombo de R\$ 152 bilhões ao ano, gerando insegurança para investidores e barreiras para a estabilização total da inflação e a queda da taxa de juros. A reforma apresentada por Temer é apenas paramétrica: até dá um fôlego nos próximos anos, mas não ataca o problema na raiz.

O MBL apresenta sua reforma da previdência em parceria com a FIPE. É uma emenda aditiva à reforma proposta pelo governo federal. Nela, acabamos com privilégios de todos os setores brasileiros: cada cidadão será tratado igualmente na aposentadoria, isso inclui políticos e a elite do funcionalismo público.

A proposta tem quatro pilares: o primeiro é uma renda-básica do idoso. Todos os brasileiros com 65 anos ou mais receberiam uma renda mínima de aposentadoria. O segundo é como o INSS atual, mas com alíquotas bem menores e um teto reduzido. Esses dois pilares garantiriam um retorno de 100% da renda para 80% dos brasileiros. O terceiro é a fusão do FGTS atual com o seguro-desemprego: assim que o trabalhador acumulasse o suficiente para um ano de seguro-desemprego, o excedente iria para uma poupança extra e seria destinado para complementar a aposentadoria. A vantagem principal é que o próprio contribuinte poderá escolher o administrador dessa poupança, que terá rendimentos maiores que o atual FGTS. O quarto pilar é opcional: incentivo à previdência privada. Cada contribuinte poderá escolher um novo plano privado, ou investir ainda mais no novo FGTS.

Com essas mudanças, acabamos com distorções caras ao povo brasileiro, garantimos aposentadoria digna para todos, geramos um ambiente melhor para a economia, o que gerará mais empregos, diminuirá as taxas de juros, estabilizará a inflação e garantirá mais investimentos.

Já estamos em Brasília coletando assinaturas para nosso projeto! Envie um email para seu deputado e peça o apoio dele nessa reforma.

633 mil visualizações

Fonte: <https://www.facebook.com/mblivre/videos/537958076328340/>

A postagem do Movimento Brasil Livre foi publicada no dia 17 de fevereiro de 2017, possuindo material audiovisual e texto. Percebe-se que o MBL possui um posicionamento moderado acerca das emendas proposta pelo governo, apesar de discordar de alguns elementos da reforma. O movimento concorda com a estrutura, que para eles é necessária e deve ocorrer como uma forma de equilibrar os gastos do governo, conforme o primeiro parágrafo do *post*:

Hoje, o sistema previdenciário brasileiro está falido. Não existe uma real poupança e, mesmo assim, temos um rombo de R\$ 152 bilhões ao ano, gerando insegurança para investidores e barreiras para a estabilização total da inflação e a queda da taxa de juros. A reforma apresentada por Temer é apenas paramétrica: até dá um fôlego nos próximos anos, mas não ataca o problema na raiz. (MBL, 2017).

O Movimento Brasil Livre publica este texto com o intuito de mostrar aos seus seguidores a sua própria reforma, ou seja, reformulando algumas coisas da emenda inicial proposta pelo governo. Para eles, a reforma previdenciária deveria conter os seguintes elementos de acordo com o terceiro parágrafo da postagem:

A proposta tem quatro pilares: o primeiro é uma renda-básica do idoso. Todos os brasileiros com 65 anos ou mais receberiam uma renda mínima de aposentadoria. O segundo é como o INSS atual, mas com alíquotas bem menores e um teto reduzido. Esses dois pilares garantiram um retorno de 100% da renda para 80% dos brasileiros. O terceiro é a fusão do FGTS atual com o seguro-desemprego: assim que o trabalhador acumulasse o suficiente para um ano de seguro-desemprego, o excedente iria para uma poupança extra e seria destinado para complementar a aposentadoria. A vantagem principal é que o próprio contribuinte poderá escolher o administrador dessa poupança, que terá rendimentos maiores que o atual FGTS. O quarto pilar é opcional: incentivo à previdência privada. Cada contribuinte poderá escolher um novo plano privado, ou investir ainda mais no novo FGTS. (MBL, 2017).

É importante pensar as propostas defendidas pelo MBL tendo o conhecimento prévio de que o mesmo defende medidas de cunho liberal, ou seja, para eles, o Estado não deve interferir na economia, dando uma liberdade de atuação ao capital privado. Sendo este, uma ferramenta importante para o crescimento econômico do país, trazendo consigo, investimentos e poder de atuação no mercado externo.

As políticas sociais criadas e defendidas pelos governos Lula da Silva e Dilma Rousseff (2002 – 2016), advindos do Partido dos Trabalhadores (PT), são vistas com maus olhos pelo Movimento Brasil Livre. Este movimento considera essas políticas sociais como uma forma de gasto desnecessário pelo Estado, o que conseqüentemente ocasiona uma péssima administração e imposição do Estado nas “vontades de liberdade” do indivíduo, sendo a liberdade de transição econômica.

Em contraponto a este posicionamento, o Pajeú possui uma opinião contra a reforma da previdência defendida pelo governo Temer (PMDB). Para o movimento, o governo atual chegou ao poder através de um “golpe” parlamentar, dado a presidente Dilma Rousseff (PT). A postagem em sua *fanpage* na rede social Facebook foi publicada no dia 10 de maio de 2017 e possui uma imagem e um breve texto.

Figura 3 – Pajeú



Fonte: <https://www.facebook.com/pajeuresistenciacabana/posts/1349025585175971>

Nota-se que o partido do presidente Temer (PMDB) é visto pelo movimento Pajeú como um partido liberal e que busca “cortar” os direitos conquistados pelas classes mais baixas, que foram obtidos por meio de lutas de estudantes, professores e por minorias da sociedade. A reforma da previdência é vista como uma medida absurda do governo que tem o objetivo de “rasgar a constituição” com suas reformas, conforme o primeiro trecho do *post* a seguir:

A Greve Geral de 28/04 foi um marco na história do Brasil. O povo disse não a reforma da previdência e trabalhista. Sabemos que o governo ilegítimo de Temer não vai ceder sem que haja uma mobilização maior. A tarefa das centrais sindicais, das trabalhadoras e da juventude é de dizer a toda a população o quão mentirosa são as justificativas de se implantar essas reformas. (PAJEÚ, 2017).

No trecho seguinte, o movimento Pajeú continua a defender o seu posicionamento, onde considera a reforma da previdência como um ataque as classes oprimidas e que sofrem certos tipos de exclusão pelas classes dominantes. Para esse movimento, as reformas são tidas como uma forma de enganação do governo que para eles é ilegítimo, com o intuito de manipular junto com a mídia, na intenção de manter benefícios aos mais ricos economicamente.

Continuarem questionando o porquê de não taxar as grandes fortunas, de não fazer a auditoria da dívida pública. A juventude indignada

precisa levantar e mostrar que não nos calarão e que vamos sair as ruas. Agora é ocupar Brasília no dia 24/05 contra os retrocessos e o governo Temer. (PAJEÚ, 2017).

O movimento defende a saída do presidente Temer do poder, e isto se justifica por meio de denúncias feitas pela polícia federal sobre a corrupção do país. O presidente é citado diversas vezes por delações feitas à polícia federal, e com isto, esse grupo prevê uma descontinuidade do presidente em seu cargo. Além disto, muitos parlamentares também são citados em delações. O movimento por sua vez possui o discurso de que o parlamento brasileiro não possui “moral” para votar medidas que, segundo eles, retiram direitos do povo.

Na prática, a *fanpage* do movimento Pajeú na rede social Facebook tem o intuito claro de organizar uma série de mobilizações como as greves, por exemplo, com a intenção de concentração da massa, como uma forma de não aceitação sobre as medidas de reformas estabelecidas pelo governo.

Para este caso, a rede social serve como plano de fundo para um debate ideológico, que é importante como forma de liberdade de expressão, como construções de reflexões e de possibilidade de pensar sobre a política, porém nem sempre isto acontece, quando muitas vezes a discussão se torna polarizada dando a ideia de necessidade de aniquilação daquele que o diverge. A polarização é uma forma de negação do diferente, além da vontade de manter o poder sobre um tema, dando a ideia de “verdade absoluta” acerca deste, e isto, muitas vezes enfraquece as discussões e delimitam as várias formas de interpretações acerca de um tema.

As relações de poder tidas nas materialidades discursivas tanto na *fanpage* do Movimento Brasil Livre (MBL) quanto na *fanpage* do Pajeú, podem ser percebidas por meio das formas como as informações são publicadas, com a intenção de persuadir o indivíduo que navega pela rede, demonstrando uma dominação sobre determinado assunto. Os sujeitos normalmente tendem a ficar mais próximos e manter relações com aquilo que elas concordam ou tem afinidade.

Deste modo, os indivíduos que curtem a *fanpage* e seguem as publicações realizadas pelo Movimento Brasil Livre e/ou Pajeú, o segue por concordar com muitas

de suas ideias ou então todas elas. A tendência é que este indivíduo ao consumir essas informações diariamente, sinta-se como um sujeito pertencente ao grupo em questão, o que muitas das vezes projetam o sentimento de ódio por aquele que discorda do seu posicionamento político, ideológico, etc.

Como disse o sociólogo Bauman (2009), a vida se torna líquida, justamente pelo afrouxamento das relações sociais. Podemos interpretar isto, dentro das relações tidas na rede social Facebook, onde pessoas se comunicam de forma distante umas das outras e assim, tem a sensação de liberdade devido ao anonimato e/ou não estar presente fisicamente na discussão, podendo falar tudo aquilo que não teria coragem pessoalmente. Isto, muitas vezes pode gerar violência moral e contribuir com problemas de depressão, por exemplo.

Portanto, é importante analisar a rede social como uma nova forma de comportamento social e de interação entre os indivíduos, que pensam e expressam o seu pensar utilizando as novas ferramentas de mídia. Entender o discurso como uma estrutura ideológica é necessário para que as relações de poder gerem verdadeiras relações de sentidos dentro da realidade vivida.

## **Considerações finais**

Esta pesquisa apresentou como objetivo a reflexão das relações de ideologia e poder presentes na análise discursiva nas postagens do Movimento Brasil Livre e Pajeú em suas concernentes *fanpages* na rede social Facebook. As postagens ocorreram nos dias 17 de fevereiro e 10 de maio de 2017, respectivamente, apresentando publicações com ideologias e discursos polarizados. Portanto, caracterizou-se como um estudo de caso múltiplo e utilizou como método para a análise dos dados coletados a análise do discurso.

Ao selecionar o tema, verificou-se que as grandes modificações ocorridas no âmbito da política do Brasil estão alterando o comportamento dos indivíduos, gerando grandes conflitos nas ruas e no ciberespaço. A problemática da pesquisa permaneceu em compreender como se dá a relação de poder e ideologia nas materialidades discursivas



encontradas na distinção exposta entre as matérias publicadas nas fanpages do MBL e Pajeú na rede social Facebook.

Para alcançar este entendimento, recorreu-se aos conceitos de cibercultura, com base nas contribuições de Trivinho (2007) e Lévy (2010) e posteriormente adentrou-se na análise do discurso com as contribuições teóricas de Althusser (1980), Ricoeur (1988), Brandão (2004), Marx e Engels (2008), Orlandi (2009) e Foucault (2012). Foi imprescindível entender a interação entre os indivíduos nas redes sociais, essa nova organização da sociedade, seus novos paradigmas, conceitos, preconceitos e suas “verdades” impostas pela tecnologia e pelo modo acelerado da vida na atualidade.

Notou-se de forma clara as divergências com relação ao posicionamento acerca de assuntos que permeiam a política brasileira no ano de 2017, especialmente acerca de uma das reformas promovidas pelo presidente Michel Temer (PMDB), a reforma da previdência. As relações de poder encontradas nas materialidades discursivas tanto na *fanpage* do Movimento Brasil Livre (MBL) quanto na *fanpage* do Pajeú, puderam ser percebidas por meio das formas como as informações foram publicadas, com a intenção de persuadir o indivíduo que navega pela rede, demonstrando uma dominação sobre determinado assunto.

É notoriamente conhecido que os sujeitos normalmente tendem a ficar mais próximos e manter relações com aquilo que eles concordam ou tem afinidade. Portanto, a polarização presente nessas duas postagens selecionadas é uma forma de negação do diferente, além da vontade de manter o poder sobre um tema, dando a ideia de “verdade absoluta” acerca deste, e isto, muitas vezes enfraquece as discussões e delimitam as várias formas de interpretações acerca de um tema.

Logo, notou-se que os indivíduos que curtiram a *fanpage* e seguiram as publicações realizadas pelo Movimento Brasil Livre e/ou Pajeú, consumiam o seu conteúdo por concordar com muitas de suas ideias ou então todas elas. Adverte-se que a tendência é que este indivíduo, ao consumir essas informações diariamente, sintam-se como um sujeito pertencente ao grupo em questão, o que muitas das vezes projetam o sentimento de ódio por aquele que discorda do seu posicionamento político, ideológico, etc.

Deste modo, sugere-se que as próximas análises considerem as redes sociais como uma nova forma de comportamento social e de interação entre os indivíduos, que pensam e expressam o seu pensar utilizando as novas ferramentas de mídia. Compreendeu-se que o discurso é apresentado como uma estrutura ideológica necessária para que as relações de poder gerem as relações de sentidos dentro da realidade vivida, assim como Trivinho (2007, p. 116) já elucidou anteriormente que esse meio nada mais é do que o mundo em curso, em todos os setores, com seus arranjos estruturais e estruturante de um período que envolve a conjuntura tecnológica responsável pela eclosão do ciberespaço.

## Referências

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3ª Ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise do discurso**, 2ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 8ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. 3ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Trad. L. C. de Castro e Costa. 2ª tiragem da 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8ª Ed. Campinas: Pontes, 2009.

RICOEUR, P. **Interpretação e ideologias**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TRIVINHO, E. **A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Ed. Paulus, 2007.